

Heranças Globais – Memórias Locais: os desafios da formação no campo da Sociomuseologia.¹ Judite Santos Primo, Mário Moutinho, Pedro Pereira Leite

A formação no campo da Museologia oferecida pela Universidade Lusófona de Lisboa, foi criada no fim dos anos 80 e início dos anos 90, numa época em que os museus locais em Portugal tomavam forma por todo o País e que era certamente fruto do processo de democratização do País na sequência da Revolução dos Cravos de 1974.

Apesar dos retrocessos que as forças mais conservadoras conseguiram posteriormente impor nos mais diversos campos da sociedade portuguesa, ficou o direito à memória e à identidade, ficou uma nova consciência das heranças globais e das memórias locais.

Neste contexto os primeiros cursos resultaram da necessidade sentida por muitas pessoas envolvidas em processos museológicos, que na época eram entendidos como alternativos e marginais, de compreender melhor o sentido da sua atividade e em consequência poder melhorar a qualidade do trabalho em curso. Na ausência de formações que abrissem espaço para esse exercício de liberdade, o único caminho possível era o de criar uma formação que dessa resposta não só aos anseios e dúvidas de “docentes e discentes” mas também que pudesse constituir-se num espaço de aconchego e de entreajuda. Foi na Universidade Autónoma de Lisboa que encontramos esse espaço e onde criamos um primeiro curso com a duração de dois anos. Posteriormente migramos todos para o que viria a ser a Universidade Lusófona, por aí termos assegurado um melhor acolhimento, mais convicto e colaborativo. Praticamente todos os docentes estavam, eles próprios, envolvidos em processos museológicos autónomos no quadro de associações culturais ou ligados aos municípios, sendo detentores de uma experiência pedagógica que lhes possibilitava adaptarem-se às necessidades deste novo projeto. Todos sabíamos ao que vínhamos e muitas vezes, para não dizer quase sempre, era a experiência de cada um que fundamentava os questionamentos e propunha diferentes caminhos de compreensão.

Na verdade, conjugávamos o tempo dedicado á construção de conhecimento, com a transmissão de saberes que julgávamos serem essenciais. Esta dualidade de posicionamento nunca mais nos abandonou e até hoje, no Mestrado e no Doutoramento, e caracteriza a natureza das relações de horizontalidade entre discentes e docentes, sem

¹ Seminário Internacional 10 Anos de Cooperação entre Museus: Museologia Ibero-Americana e a Declaração de Salvador. 29 e 30 novembro de 2017 Brasília – Brasil

exercícios de poder, nem privilégios. Mas importa referir que este projecto de **intervenção educativa** só foi possível porque desde o início contámos com o apoio de um crescente grupo de pessoas que atuavam em instituições de ensino e Museus no Brasil, as quais também como nós, exigiam mais da museologia. Exigiam uma museologia comprometida com os desafios do mundo contemporâneo. Também eles procuravam ir mais além dos limites que condicionavam a visão mais ou menos redutora das instituições onde atuavam. Assim, de um lado e outro do Atlântico, juntamos esforços, preocupações, projetos, afetos com os quais crescemos ao longo destes anos. Desta relação resultou a **intervenção educativa** que hoje reconhecemos estar nas raízes da Sociomuseologia

Hoje, revisitando o trabalho realizado podemos identificar uma Museologia que se embasa em 3 encaminhamentos: uma museologia para a vida, ou seja, uma museologia como ferramenta de libertação, pessoal e coletiva; uma museologia como ferramenta de construção da justiça cognitiva; e, uma museologia como proposta de uma poética criativa;

São estas três ideias chave que estão presentes na nossa intervenção educativa, que pretendemos integral. Uma ideia de museologia integral tal como foi enunciada na Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972.

Uma ideia de museologia integral que pode estabelecer a base de uma museologia que transforma os objetos em património, os museus em territórios, e os visitantes em comunidades.

Mas esta nossa proposta só ganha verdadeiramente sentido se for entendida como integrante do processo mais amplo da reinvenção da Museologia e conseqüentemente dos modelos de formação que lhe são subjacentes, em particular depois da II Guerra mundial. É fácil reconhecer que ao longo do tempo, a formação no campo da Museologia tem procurado acompanhar a compreensão que as diferentes sociedades têm, em cada época, do lugar, do sentido e da função que os Museus e a Museologia têm ou podem ter, nos contextos sociais em que tomam formam.

Na verdade é hoje possível assumir que a Museologia que tomou forma a seguir à segunda Guerra mundial estava centrada sobre os objetos, sua valorização, sua raridade, sua preservação e sua representatividade como suportes de memórias e de identidades. Se tivermos em consideração que o mundo saía de uma devastação extrema, na qual a luta pela preservação dos acervos esteve sempre presente e tantas vezes de forma dramática, fácil é aceitar que as primeiras ações do recém-criado ICOM

tinham como objetivo criar condições para um cuidar de acervos, consistente e instruído, tanto do ponto de vista técnico como conceitual.

Foram tempos em que todos sabiam o que era, ou não era, um Museu. E as sucessivas definições de Museu, propostas pelo ICOM, estão aí para testemunhar esse processo. Mas ao mesmo tempo em que o ICOM procurava dar resposta aos desafios reais dessa época, também é verdade que a UNESCO se inquietava com questões relativas à educação, às tecnologias, ao ambiente, ao combate contra a pobreza, à saúde, que tinham a ver com o sentido do desenvolvimento das sociedades e que o tempo mostrou serem as questões essenciais.

No campo da museologia colocava-se então o lugar do Museu ao serviço da educação. O Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus realizado no Rio de Janeiro em 1958 é hoje um marco essencial para a compreensão desse alargamento de funções. Nos anos que se seguiram e até á actualidade a UNESCO nunca mais deixou de ter um papel da maior relevância nas transformações que os museus enfrentaram e com que hoje se deparam.

Muito já se escreveu sobre a Mesa Redonda de Santiago. Na Declaração então elaborada, tratam-se as questões centrais da museologia e fornecem-se pistas para uma reflexão sobre práticas museológicas pensadas á luz do lugar que o museu, dito integral, poderia ocupar na sociedade

Este entendimento correspondia então ao processo iniciado no período que se seguiu ao movimento de Maio de 1968 e do qual resultou a criação de inúmeros museus locais que muitas vezes se reconheciam com sendo ecomuseus correspondendo de forma mais ou menos completa à caracterização de Ecomuseu que George Henri Rivière propôs na sua essencial definição evolutiva.

Naturalmente que estas instituições têm a sua própria dinâmica, determinada por inúmeros factores, o que significa que ao longo dos anos se transformam, renovaram, reorientam ou mesmo se institucionalizam.

Enganam-se pois aqueles que consideram esta realidade como um período que faz parte do passado, o qual só teria interesse para análise do ponto de vista histórico. Este processo encontra-se detalhadamente analisado por Peter Davis².

Mas, tão importante como a ecomuseologia, importa consideram que em simultâneo em numerosos países se desenvolveram processos museais que se

² Peter Davis, Ecomuseums: A Sense of Place, Continuum, 2011

colocavam decididamente ao serviço das comunidades onde estavam inseridos mas que não se reconheciam como ecomuseus. Museus de Vizinhança, nos USA, Museus de identidade nalguns países africanos, Museus locais em Portugal e na Espanha, Casas del Museo e de comunidade no México, ou as exposições populares na Suécia (Riksställningar).

Foi esta multifacetada realidade que esteve presente no 1º Encontro internacional Ecomuseus/Nova Museologia que teve lugar no Quebec (Canada) in 1984 e que deu forma ao que então se passou a denominar por Nova Museologia e que no ano seguinte esteve na origem do Movimento Internacional para uma Nova Museologia MINOM, o qual 2 anos depois, foi reconhecido como organização afiliada ao ICOM.

Mais ampla que a ecomuseologia esta nova realidade clamava pelo direito á diferença, diferença essa que mais não seria que o reconhecimento de que os museus afirmavam o seu lugar como atores de mudança, de inclusão social, de afirmação e de identidade. Ou ainda um projecto por realizar, que Pierre Mayrand enunciou com uma possível e necessária Altermuseologia.

E é esta postura e projecto que hoje reencontramos consagrada na Recomendação da UNESCO³ (mais uma vez) de novembro de 2015 sobre esta matéria onde depois de fazer apelo à declaração de Santiago convoca os países a reconhecer e a promover a função social dos museus na sociedade contemporânea, e que de igual forma, encontramos com mais humanismo, na Declaração de Salvador de 2007⁴.

Paradoxalmente hoje em dia a museologia marginal é aquela que se recusa a reconhecer que os anteriores paradigmas se alteraram profundamente, no sentido do reconhecimento que a função primordial dos museus, é contribuir com os seus recursos, para o desenvolvimento e para a dignidade humana.

De forma mais ampla importa também abordar o que consideramos serem os desafios da formação contemporânea em Museologia que as Universidades parecem estar a enfrentar. Com efeito a Museologia é hoje objeto de ensino em muitas instituições de ensino superior e pode dividir-se em dois campos:

- Por um lado, a formação que procura responder as exigências das instituições que assentam o seu trabalho essencialmente nas suas coleções. Modernizam-se os museus com novas formas de gestão, com desafios que a relação com os públicos exige,

³ Recomendação sobre a proteção e a promoção dos museus e coleções, de sua diversidade e de sua função na Sociedade, UNESCO, 2015

⁴ <http://www.ibermuseum.org/wp-content/uploads/2014/07/declaracao-da-cidade-de-salvador-bahia-2007.pdf>

com a introdução de novas tecnologias de informação e comunicação, com as exigências de sustentabilidade financeira que as crises e o neoliberalismo implicam, com as responsabilidades de conservar e gerir coleções cada vez maiores, mais frágeis, mais exigentes de cuidados. Trata-se de formações orientadas para as necessidades dos museus e das suas coleções.

- Mas por outro lado existem as formações mais orientadas para dar resposta aos desafios das sociedades contemporâneas, cujo centro da atenção são verdadeiramente os seres humanos, face a um mundo cada vez mais desigual, mais intolerante, menos inclusivo. Aqui as coleções são compostas pelos desafios sociais. E trabalhar com pessoas ou com objetos exige naturalmente competências diferentes.

Trata-se de formações orientadas para os Museus que se assumem com factores de intervenção social. Mas o problema seria fácil de resolver se esta dualidade, fosse tão real quanto o seu enunciado

Uma terceira via parece cada vez mais incontornável. Cada vez mais encontramos instituições tradicionais envolvidas com projetos de cariz social (inclusão, género, desenvolvimento, novas tecnologias etc.). Tanto quanto encontramos instituições que se reconhecem no campo da Museologia social mas onde são criados cada dia acervos de objetos que condicionam a sua própria atividade. Trata-se daquilo que denominamos por museus complexos, pela coexistência de conceitos de natureza diferente.

Neste sentido parece ser necessário repensar os modelos de treinamento / existentes, para atender também às necessidades desses novos museus caracterizados por níveis mais altos de complexidade conceitual. Tal necessidade aplicar-se ia certamente a muitos dos Museus de Objetos, Museus da Museologia Social, Museus dos desafios globais, Museus da luxúria tecnológica, Museus imperiais e outras formas de Museus da contemporaneidade.

Arrumar as ideias e construir conseqüentemente as competências dos que trabalham nestes museus complexos, é em nosso entender o novo desafio que a Universidade deve enfrentar para reorganizar os seus programas de formação de modo a adapta-los à multifacetada realidade museológica contemporânea.⁵

5 (2017) Moutinho M. e Primo J., Referências teóricas da Sociomuseologia, comunicação apresentada no Conferência Subjectiv Museum? The impact of participative strategies on the museum, Museu histórico de Frankfurt.

Este é na verdade um dos desafios que se colocam à nova Cátedra criada pela área da Museologia da nossa Universidade, sob a denominação de “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural” aprovada no início deste mês.

Trata-se de repensar a Sociomuseologia tanto quanto a sua **intervenção educativa** formal e informal, de modo a dar resposta, não só aquilo em que acreditamos, mas também poder dar o nosso contributo para o cumprimento das recomendações que a UNESCO lançou de forma global. E nesta nova etapa, naturalmente que avançamos em parceria com instituições brasileiras e com os parceiros de afeto e trabalho com quem sempre partilhamos este caminho. Será a melhor ocasião para trabalhar as Heranças globais e as Memórias locais, a ecologia de saberes, a Museologia decolonial e a afirmação da Sociomuseologia e da Museologia social como uma área do saber e do fazer profundamente enraizada nas ciências sociais com relevante Função Social para a construção duma cidadania global localmente comprometida com justiça cognitiva.